

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT20.008](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT20.008)

CONTRIBUIÇÕES DA MOBILIDADE INTERNACIONAL NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO DO INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

Manuella Barros Paniago

Mestre em Educação Profissional do Curso ProfEPT do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul - IFMS, manuella.paniago@ifms.edu.br;

Azenaide Abreu Soares Vieira

Professora do Curso ProfEPT do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul - IFMS, azenaide.vieira@ifms.edu.br

RESUMO

Esta pesquisa teve por cenário a crescente internacionalização dos saberes e traz ao debate acadêmico as implicações da mobilidade internacional para a formação humana no âmbito do Ensino Médio Integrado. Desse modo, o objetivo deste estudo foi analisar as contribuições das ações de mobilidade internacional promovidas pelo Instituto Federal de Mato Grosso do Sul para o desenvolvimento transversal dos estudantes. A abordagem metodológica utilizada foi a qualitativa e a pesquisa foi aplicada com dez estudantes do Ensino Médio Integrado, participantes de estágio internacional e de intercâmbio promovido pela instituição no período entre 2018 a 2020. Os dados da pesquisa foram coletados por meio de questionário e de entrevista com os estudantes e foram tratados consoante o método de análise de conteúdo. O referencial teórico foi fundamentado nos pressupostos de habilidade e inteligência socioemocional, e nos princípios da educação integral de viés humanizador. Os resultados foram obtidos por meio da relação entre a percepção subjetiva dos estudantes e a conexão às bases teóricas da pesquisa, e demonstraram que a experiência

da mobilidade internacional contribuiu para o desenvolvimento interpessoal e intrapessoal, principalmente no que tange à ampliação da responsabilidade social, da independência, da capacidade de realismo e do controle emocional e da impulsividade dos investigados.

Palavras-chave: Habilidades socioemocionais, Mobilidade estudantil, Educação Profissional.

INTRODUÇÃO

Os movimentos migratórios acompanham a história da humanidade por motivações comerciais, religiosas, territoriais, climáticas, entre outras. No intuito de aprofundar o entendimento desse fenômeno na área educacional, importa compreender que a ação de mobilidade estudantil está inserida no macro-conceito de internacionalização, definido por Knight (2005) como um processo de integração entre ações internacionais, projetos interculturais e atividades acadêmicas, a fim de produzir conhecimento em escala mundial.

Inserido nesse contexto, encontra-se o Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS), o qual fomenta a mobilidade estudantil por meio de parcerias com instituições estrangeiras e oportuniza ações de intercâmbio e de estágio internacional aos estudantes do Ensino Médio Integrado (EMI). Dessa forma, entre os anos de 2018 a 2020, doze estudantes do EMI fizeram mobilidade para diferentes países, sendo: Argentina, Costa Rica, Índia e Portugal.

Diante desse panorama, supõe-se que a prática da mobilidade internacional estudantil, em razão de seu viés pluridimensional e multicultural, pode contribuir no desempenho escolar e no desenvolvimento socioemocional dos jovens, contudo, há poucas evidências na literatura a respeito de tais contribuições para o estudante da educação básica. Portanto, este estudo justifica-se pela necessidade de incrementar o debate quanto à prática da mobilidade internacional para os estudantes do ensino médio.

Desse modo, a investigação teve por objetivo analisar as contribuições das ações de mobilidade internacional do IFMS para o desenvolvimento de habilidades transversais nos estudantes do Ensino Médio Integrado. Portanto, esta pesquisa, de abordagem qualitativa, foi desenvolvida durante o período de 2020 a 2021 e aplicada aos estudantes do IFMS participantes de intercâmbio e estágio internacional.

De acordo com as percepções dos investigados e com a análise dos dados coletados, a experiência da mobilidade internacional contribuiu para o desempenho de competências transversais e de conduta pessoal, por meio do desenvolvimento de habilidades interpessoais e intrapessoais, principalmente no que tange às

capacidades de responsabilidade social, de independência e de regulação emocional. À vista disso, compreendemos que a ação da mobilidade é um importante meio de desenvolvimento transversal para os jovens e deve ser fomentada por instituições educacionais que vislumbram uma formação holística e humanizadora.

METODOLOGIA

No que tange aos aspectos metodológicos, este artigo, que constitui parte da pesquisa de mestrado “Mobilidade Internacional no Ensino Médio Integrado: Uma via de desenvolvimento de habilidades transversais”, foi aplicado sob uma abordagem qualitativa e desenvolvido por procedimentos da pesquisa participante, ao promover interação entre a pesquisadora e a comunidade pesquisada, bem como a assimilação subjetiva da percepção dos estudantes quanto ao tema aqui analisado.

O contexto da pesquisa foram as ações de intercâmbio e de estágio internacional promovidas pelo IFMS, e a fundamentação teórica ocorreu por meio de análise documental e de revisão bibliográfica. Além disso, para a coleta de dados foi aplicado questionário *online*, por meio do *google forms*, com dez estudantes do EMI do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul que participaram de mobilidade internacional e, posteriormente foram realizadas entrevistas individuais e *online*, pelo *google meet*, com seis respondentes do questionário. Desse modo, a análise dos dados obtidos foi realizada consoante o método de Análise de Conteúdo de Bardin.

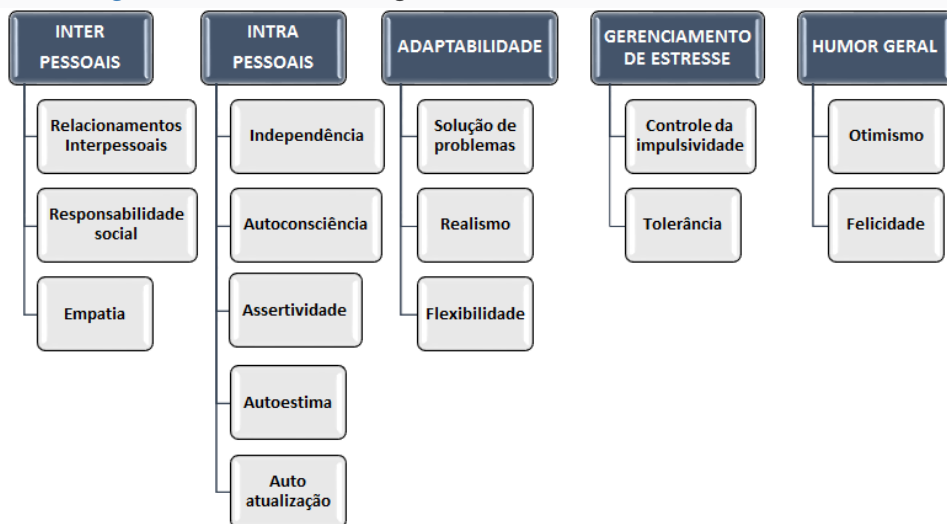
RESULTADOS

No intuito de compreender a percepção dos estudantes acerca das contribuições da mobilidade internacional, estes foram questionados a respeito das contribuições pessoais, sociais e profissionais consequentes da experiência de intercâmbio e de estágio internacional e relataram diversas transformações a respeito do próprio comportamento e da relação interpessoal após a vivência multicultural, conforme apresentado a seguir.

DESCRIÇÃO DAS CONTRIBUIÇÕES

Os dados apresentados a seguir foram coletados por meio de questionários e entrevistas e organizados a partir do agrupamento das respostas obtidas. Durante esse processo, foi considerado registro cada resposta do questionário relativo ao desenvolvimento de habilidades transversais, correspondente às frequências “sempre” e “na maioria das vezes”, bem como cada fragmento discursivo das entrevistas correspondente às contribuições relatadas pelos participantes da pesquisa. A categorização foi fundamentada nas dimensões de competências e habilidades de inteligência socioemocional apresentadas por Bar-On (2006), conforme o modelo apresentado na Figura 1 a seguir:

Figura 1 – Modelo de Inteligência socioemocional de Bar-On (2006)



Fonte: Elaborada pela autora (2022), a partir de Bar-On (2006)

A partir do modelo de Inteligência socioemocional de Bar-On (2006), foi criado um quadro comparativo de sinônimos entre as competências e habilidades propostas pelo teórico e as habilidades socioemocionais mencionadas pelos participantes da pesquisa durante as entrevistas, conforme o Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 - Relação de sinônimos entre as competências e habilidades de Bar-On (2006) e as habilidades percebidas pelos participantes da pesquisa

Dimensão das Competências de Bar-On	Habilidades de Bar-On	Habilidades percebidas pelos estudantes entrevistados
Intrapessoal	Assertividade	-
	Autoconsciência	Autoconhecimento
	Autoestima	Autoaceitação
	Autoatualização	Autoconfiança; Automotivação, Capacidade; Coragem; Segurança
	Independência	Independência
Interpessoal	Empatia	Empatia; Respeito; Compaixão; Humildade.
	Responsabilidade Social	Trabalho em equipe; Responsabilidade; Cidadania; Conscienciosidade.
	Relações interpessoais	Comunicação; Cuidado; Relação interpessoal.
Adaptabilidade	Solução de problemas	Tomada de decisão; Criatividade.
	Realismo	Visão de mundo
	Flexibilidade	Flexibilidade; Abertura ao novo.
Gestão de Estresse	Tolerância	Compreensão; Tolerância.
	Controle da Impulsividade	Autocontrole; Calma; Paciência.
Humor Geral	Otimismo	Positividade
	Felicidade	-

Fonte: Elaborado pela autora (2022), a partir de Bar-On (2006) e das entrevistas da pesquisa.

Após a seleção e contabilização dos registros considerados contribuições e a respectiva categorização, foi obtida a seguinte relação representada na Tabela 1:

Tabela 1 - HTs desenvolvidas a partir da mobilidade internacional na percepção dos participantes da pesquisa e relação percentual de incidência

Dimensão (competência)	Habilidade	N. registros questionários e entrevista	Percentual Registro	Percentual categoria
Interpessoais (consciência social)	Responsabilidade social	18	10,10%	25,90%
	Empatia	14	7,90%	
	Relacionamento interpessoal	14	7,90%	
Intrapessoais (consciência pessoal)	Independência	16	9%	25,80%
	Autoatualização	12	6,70%	
	Autoestima	6	3,40%	
	Autoconsciência	8	4,50%	
Adaptabilidade (gerenciamento de mudanças)	Assertividade	4	2,20%	
	Realismo	20	11,20%	25,20%
	Flexibilidade	18	10,10%	
Gerenciamento de Estresse (regulação emocional)	Solução de problemas	7	3,9%	
	Controle da impulsividade	21	11,80%	19,10%
Humor Geral (automotivação)	Tolerância	13	7,30%	
	Otimismo	7	3,90%	3,90%
	Felicidade	-		
Total	15	178	100%	100%

Fonte: Elaborada pela autora (2022), a partir do Modelo de Bar-On (2006) e dos dados da pesquisa.

A Tabela 1 traz cinco dimensões de competências com o total de quinze habilidades transversais e o respectivo número de registros, totalizados em cento e setenta e oito unidades, além da relação percentual de cada habilidade calculada sobre o total e o somatório da porcentagem de cada dimensão.

Ao observar os dados da tabela, percebe-se que, dentre todas as habilidades, as mais incidentes foram: controle da impulsividade, com 11,8% dos registros; realismo, com 11,2%; responsabilidade social e flexibilidade, com 10,1% cada. Por outro lado, as habilidades menos incidentes foram: assertividade, com 2,2% dos registros e a

autoestima, com 3,4%. A habilidade descrita como felicidade não obteve registros.

No que tange ao percentual das dimensões, sob uma ótica ampla, nota-se que a dimensão interpessoal obteve maior ocorrência, com 25,9% dos registros, seguida das dimensões: intrapessoal, com 25,8% e adaptabilidade, com 25,2%, evidenciando uma diferença mínima entre as três. A dimensão humor geral apresentou a menor incidência, de apenas 3,9% do total.

Após a descrição da percepção dos estudantes quanto às contribuições da mobilidade internacional por meio do desenvolvimento de habilidades socioemocionais, é apresentado na sequência a Análise destas Contribuições. Dentre as dimensões de Bar-On (2006), foram selecionadas as habilidades mais incidentes relatadas pelos pesquisados, nas dimensões: interpessoal, intrapessoal, adaptabilidade, e gerenciamento de estresse. Os fragmentos discursivos foram identificados como (I), correspondente à Intercambista, e (E) correspondente à Estagiário, seguido de numeral referente à ordem em que cada estudante respondeu à entrevista.

DIMENSÃO INTERPESSOAL

A dimensão Interpessoal, caracterizada pela competência de consciência social e pela capacidade humana de manter relações mutuamente satisfatórias entre os sujeitos de determinado grupo (BAR-ON, 2006), é desenvolvida no seio da sociedade por meio de imersão em atividades coletivas e culturais (MEIR; GARCIA, 2007). Na experiência da mobilidade internacional, os estudantes tiveram de lidar com diferentes tipos de pessoas, tanto no ambiente acadêmico, quanto no familiar e social e, ao serem questionados sobre a relação interpessoal com outras culturas, eles relataram ter aprendido trabalhar em equipe e ajudar ao próximo, mesmo quando não compartilhavam do mesmo pensamento ou comportamento:

[...] questão comunicativa, trabalho em equipe, tinha que conviver né com outros intercambistas, a gente vivia junto, porque a gente era do mesmo país e da mesma empresa, mesma agência, então a gente vivia brigando, mas a gente tinha que aprender a conviver né, porque a gente era meio que uma família né,

a gente acabou virando uma família e tinha que um apoiar o outro, então a questão de grupo foi uma coisa bem legal. (I1)

[...] fazer ainda um estágio profissional é uma coisa mais elevada, você usa tudo que for fazer no seu estágio como reflexo na questão de respeitar o convívio no ambiente, seguir exatamente as orientações, mesmo que você goste ou não da pessoa que está ali te orientando, saber lidar em equipe, por mais que haja divergência ali. (E1)

[...] me auxiliou muito a lidar até mesmo com as pessoas, eu tinha que lidar com o meu orientador, eu tinha que saber entregar o que ele queria, tinha que às vezes ir em outra sala, me comunicar, porque é totalmente diferente. (E2)

No relato dos estudantes, é possível notar que estes tiveram de lidar com as adversidades interculturais e compartilhar de situações cotidianas cooperando com o próximo. Na perspectiva de Bar-On (2006), a habilidade de cooperação em equipe é intitulada de responsabilidade social, enquanto Santos e Primi (2014) apresentam o senso de cooperação como sinônimo de amabilidade, na qual os indivíduos aprendem a ser altruístas e tolerantes com os demais. Os autores explicam que essa habilidade pode ajudar no desempenho escolar e auxiliar o estudante a conter emoções de irritabilidade e de agressividade na atuação em grupo, estando diretamente relacionada à aptidão de comunicação, resolução de conflitos e colaboração, elencadas na BNCC (2017).

Outrossim, o trabalho em grupo é considerado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) como habilidade necessária para as demandas do século XXI, além de ser valorizada no mundo profissional, uma vez que contribui para otimização do tempo de execução de tarefas, produtividade e clima organizacional. Tal análise se evidencia na Classificação Brasileira de Ocupações, pois a aptidão para trabalhar em equipe aparece na primeira posição entre as quarenta habilidades mais citadas (BERLINGERI, 2018).

Ainda na dimensão interpessoal, outra habilidade percebida pelos estudantes a partir da mobilidade internacional foi a compaixão e o respeito com os sentimentos do próximo, denominada

por Bar-On (2006) como empatia. Ao imergir em outra cultura, os estudantes perceberem que as pessoas agem e pensam diferente devido à estrutura histórico-social em que estão inseridas e que seus sentimentos, mesmo quando divergentes, devem ser valorizados, conforme exposto nos seguintes recortes:

Foi um aprendizado muito grande que talvez eu não aprenderia aqui, que eu preciso olhar pro outro com olhar de compaixão, olhar para as pessoas e ver além do que eu acho, o que eu acho não importa, mas o que a pessoa é, o que a pessoa viveu [...] isso colaborou demais pra mim, pra minha formação, como eu sou hoje, como eu vejo o mundo hoje, e principalmente pra minha profissão que é enfermagem, isso vai me ajudar muito, relação interpessoal, porque eu desenvolvi muito isso de ter um olhar mais de compaixão pelo outro (I2)

Acredito que eu criei uma empatia maior, porque quando você está ali, você conhece outra realidade, você cria uma noção do que se passa e até das gravidades da realidade. (E2)

A prática da empatia permite aos indivíduos conviver de forma harmoniosa, independente das diferenças sociais, além de ser uma habilidade desejável no ambiente de trabalho, por facilitar a comunicação e o relacionamento interpessoal. Essa habilidade é indispensável no atual cenário de globalização e de frequente mobilidade de pessoas, tanto nos espaços acadêmicos quanto profissionais, pois respeitar e saber lidar com diferentes nacionalidades e culturas passou a ser uma necessidade cada dia mais presente (GONDIM; MORAIS; BRANTES, 2014).

DIMENSÃO INTRAPESSOAL

A dimensão intrapessoal é apontada por Bar-On (2006) como a consciência de si mesmo e autogerenciamento emocional. Nessa perspectiva, estudos demonstram que contextos sociais e multiculturais favorecem a autopercepção e autorreflexão dos indivíduos, pois as vivências práticas muitas vezes diferem dos signos imaginados, principalmente quando os sujeitos são expostos aos choques

culturais e precisam conhecer suas emoções a fim de controlá-las e tomar decisões sozinhos (VASCONCELOS; ARAÚJO, 2017), como podemos observar nos relatos abaixo:

Nossa eu me conheci demais, você começa a passar um tempo sozinha, com você, a olhar para sua vida, então eu tinha que me conhecer, tinha que saber quem eu era, quais são meus valores, o que eu estava disposta a mudar. (I2)

[...] a questão de sobrevivência, de me virar nos trinta e minha independência também, porque eu fui fazer uma viagem sozinho para outro país, tinha que me virar, tinha que ir atrás, eu não podia ter vergonha, porque por exemplo, eu fui sem saber nada, e muitas vezes eu tinha que parar alguém, então a questão de vergonha eu não poderia ter, independência, eu conquistei bastante lá. (I1)

Dentre as habilidades intrapessoais, a independência foi a mais citada, pois quase todos estudantes eram menores de idade à época da mobilidade e mencionaram ter de lidar com questões de autogestão, administração financeira, de horários e de solução de problemas, por exemplo. Nesse contexto, tais práticas cooperaram para o amadurecimento.

Eu tinha 16 anos e hoje eu já tenho quase 20, e isso me ajudou demais para ser independente, tanto que quando eu tava lá, eu que comprava minhas coisas, eu ia no mercado para comprar minhas coisas separado, aí eu pagava pra mim, mesmo minha mãe me enviando dinheiro, mas lá era eu que pagava. (I2)

Foi um choque de realidade, porque sempre morando com a minha mãe, ela fazia as coisas normal de casa, e na viagem eu tinha que me virar lá sozinha, sozinha em termos, a gente tava em grupo, e cada um ali tinha uma coisa pra fazer né, por exemplo, lavar roupa, limpar ou fazer comida era tudo por a gente e então foi essa experiência da responsabilidade com os afazeres em casa, que é mais do que eu já fazia, que eu nunca tinha feito antes. (E1)

Quando eu cheguei lá eu precisei criar essa independência, agora eu tenho que ir sozinho, agora eu tenho

que acordar sozinho, agora eu que tenho que lavar as minhas roupas, eu tenho que cozinhar! Então gerou essa independência. (E2)

A independência está relacionada à maturidade emocional, à capacidade humana de não depender do controle de outras pessoas e de saber lidar sozinho com os próprios sentimentos e necessidades. Essa habilidade também é relacionada à assertividade ou à *expertise* para se expressar e ser seguro nos posicionamentos e nas atitudes cotidianas (BAR-ON, 2006).

É importante mencionar que a maturidade emocional, além de potencializar as capacidades pessoais, também coopera para os relacionamentos sociais, visto que indivíduos maduros agem de forma racional por saberem regular suas ações e direcionar seus esforços. Por conseguinte, tal habilidade é geralmente considerada um atributo de carreira, ou seja, uma característica necessária no mundo do trabalho, que representa um diferencial no desempenho profissional (SWIATKIEWICZ, 2019).

Além da independência, a segunda habilidade intrapessoal mais incidente foi a autoatualização, que, de acordo com Bar-On (2006), exprime o esforço necessário para o alcance de um objetivo ou a persistência para concretização das metas estabelecidas, mesmo quando desafiadoras, portanto essa habilidade revela a autoconfiança dos indivíduos em acreditar na própria capacidade, conforme constatado pelo estagiário (E2) e pela intercambista (I3):

Eu acredito que me trouxe uma confiança muito grande, que agora quando eu vou fazer alguma coisa eu penso, eu sou capaz, eu já passei por outras situações, já estive fora [...] acabou que continua essa confiança em mim mesmo, de ser capaz de fazer as coisas, se um dia eu fiz algo não significa que eu não possa fazer de novo. (E2)

[...] é uma coisa que ajuda muito, você confiar em si mesmo, porque no final quando você está passando perrengue é você com você mesma, não tem família aqui, não tem família lá para te ajudar, a gente principalmente vê que somos capazes de fazer qualquer coisa sozinha, por exemplo. (I3)

Nessa ótica, a mobilidade representou um grande desafio para os estudantes, pois muitos nunca tinham viajado de avião e tiveram de sair do conforto de suas residências e da segurança familiar para viverem durante um período em contexto diverso com pessoas desconhecidas, sob pressão psicológica, dificuldade de comunicação e de adaptação.

Você fica com mais medo assim daquela questão de você ir para o estranho, de você não saber quem vai ser sua família [...] como vai ser, que jeito que eles são, e eu não conhecia a Costa Rica também, nem fazia ideia de como era lá. (I2)

[...] você já está meio que treinado para a vida né, vamos dizer assim, as situações que virão né, porque não é fácil fazer intercâmbio né, as pessoas acham que é tudo mil maravilhas, mas não é, tem que ter um psicológico bom. (I1)

Percebe-se que a vivência em âmbito internacional cooptou para o desenvolvimento pessoal devido à peculiaridade das situações envolvidas, nesse sentido, o processo de imersão em um contexto repleto de multiplicidades provocou a auto-observação dos estudantes quanto às suas capacidades e serviu de motivação para novas experiências, principalmente no que diz respeito a prosseguir os estudos no exterior.

Se surgir uma oportunidade de fazer intercâmbio de novo, lá tô eu de novo, se surgir a oportunidade de fazer estágio em algum outro país, porque agora eu tô na faculdade né, ou fazer residência em outro país, ou mestrado, porque sempre tem bolsa de mestrado, então eu quero tentar, se eu tiver a oportunidade de trabalhar um dia em outro país, eu quero ir, porque hoje em dia eu não tenho medo mais não. (I2)

Eu pretendo agora que eu tô na faculdade, conseguir um intercâmbio no meu curso em outro país, que é uma experiência que eu quero ter, e depois também mestrado e doutorado que eu pretendo fazer fora. (I3)

Eu queria estudar pra passar no ENEM e fazer faculdade lá, onde eu fiz o estágio eles aceitam o ENEM, e eu queria entrar na faculdade de lá, por agora não dá, mas se eu fosse ir eu gostaria de ir pra Porto que é

uma cidade maior, tem mais coisas, que a cidade que eu fui era pequenininha. (E3)

Os excertos demonstram que as adversidades vivenciadas contribuíram para a independência dos estudantes e que o medo do desconhecido deu lugar à autoconfiança. Tais habilidades são imprescindíveis no decorrer tanto do percurso acadêmico, posto que “[...] qualidade de vida escolar é associada também a sensação de bem-estar geral, sensação de confiança nas próprias habilidades para realizar o trabalho escolar” (SILVA, 2017, p. 82), quanto no desempenho profissional, por facilitar a adaptação comportamental e contribuir para a estabilidade no ambiente organizacional (HECKMAN; RUBINSTEIN, 2001).

DIMENSÃO ADAPTABILIDADE

A capacidade de adaptação consiste em saber lidar com as mudanças e gerenciar os sentimentos a partir das transformações vivenciadas em sociedade (BAR-ON, 2006). Nessa dimensão, os estudantes demonstraram, principalmente, ter desenvolvido noção de realidade e flexibilidade perante a mudança de ambiente e de cultura.

Indo pra lá, aumentou um pouco de ter uma visão mais ampla, e fora que ir pra outro país, eu imaginava que minha mente se limitava só aqui, Cidade Dourados, o Estado e o Brasil, e ir pra outro país, a tua mente abre de um tanto que você consegue imaginar o mar de oportunidades que tem, você consegue se desenvolver mais, consegue ser mais criativo, sua mente, ela flui, evolui de um tanto que é surreal, a gente consegue entender que não é só aqui, tem bastante coisa e muita coisa pra aprender também. (E1)

Segundo Bar-On (2006), a habilidade de ser realista significa validar os próprios sentimentos e pensamentos a partir de uma realidade externa, ou seja, é necessário ter uma visão de mundo para se identificar com determinado espaço social e observar a totalidade a fim de reconhecer os próprios valores, num movimento de fora para dentro, do todo para as partes, e compreender a existência de múltiplas realidades, as quais estão sujeitas a várias interpretações,

devido a sua natureza subjetiva. Tal conceito acompanha o discurso de Ramos (2008) sobre a necessidade de os indivíduos superarem a realidade fragmentada e acessarem a totalidade social, posto que esta não é linear, mas uma construção histórica.

O processo de adaptação ao outro, seja indivíduo ou ao meio, proporcionou descobertas aos estudantes, principalmente ao notarem que as crenças e padrões de comportamento diferem em cada contexto e que não existe uma cultura errada ou correta, melhor ou pior, conforme os registros a seguir:

Ampliou demais a minha visão de mundo, porque eu tava no primeiro ano do ensino médio e antes eu era de escola pequena, e ia sempre muito na igreja, e a igreja era pequena, escola pequena, e eu sou muito caseira, de ficar em casa, e quando eu fui sair no mundo, aí você vê assim: nossa como o mundo é grande! o tanto de gente diferente que tem, o tanto de cultura diferente que tem, e isso te ajuda a ser menos preconceituoso [...] entender como o outro vê o mundo e entender que minha realidade não é a de todo mundo. (I2)

Você sabe que tem vários pontos de vista, acho que esse é o ponto, você entender que nem todos são iguais ao seu, e é isso, tudo bem. (I3)

[...] os outros intercambistas, na pousada que nós ficamos, eram oito no total, era eu e mais sete, eram outras sete realidades, então trouxe uma outra visão, porque as vezes eu pensava alguma coisa que não fosse tão comum e pra eles era totalmente comum, e a gente conversava e ficava até incrédulo, nossa isso acontece?! (E2)

A interação com outras nacionalidades e outros pontos de vista é importante e necessária nas relações sociais, pois as práticas interculturais humanizam os indivíduos no sentido de torná-los mais tolerantes às diferenças, além de facilitar o processo de adaptação à vivência coletiva (BORGES, 2017). Portanto, conhecer outras realidades pode ser um elemento motivador para o homem transformar o seu meio e condição social, ao identificar que a realidade não é imutável e que sua construção depende dos movimentos coletivos, pois, conforme as reflexões de Vygotsky, determinada cultura é

produto de símbolos e valores sociais que são atribuídos historicamente pelos homens (ABED, 2016). Essas analogias são percebidas nas narrativas dos entrevistados ao comentarem sobre a transformação de suas percepções de mundo durante a experiência:

Minha visão ampliou, minha vontade também ampliou, mas não só de querer ir embora porque lá tem coisa melhor, mas melhorar aqui, aprimorar o conhecimento que eu sou e pra trazer pra cá pra melhoria, eu tinha vontade de ir embora, mas agora eu quero só ir lá e pra outros lugares, quem sabe pra passeio e trazer coisas que agrega pro país. (E1)

Muitas vezes a gente é preconceituoso porque a gente não conhece o mundo, e sempre vive assim sabe, na sua caixinha, e quando você sai dessa caixa e você vê o mundo, você percebe que todo mundo é diferente, ninguém é igual, as culturas são diferentes, as religiões são diferentes, e que a gente tem que respeitar essas diferenças, então é muito importante esse processo sabe, principalmente de respeito [...] muda o coração da gente, muda muito o jeito que a gente vê o mundo. (I2)

Nesse sentido, infere-se que o âmbito internacional proporcionou aos estudantes um senso ético para com o próximo em forma de conscientização da dimensão social, porquanto esta não se restringe ao *habitat* de moradia e nem aos pequenos grupos étnicos, religiosos e culturais a que pertencem. Todo esse processo de adaptação ao meio está relacionado também à habilidade de flexibilidade desenvolvida pelos estudantes, ao demonstrarem abertura às novas vivências:

[...] essa flexibilidade de conhecer outras pessoas, outras culturas, sair um pouco da minha bolha social, então isso me ajudou muito essa flexibilidade. (E2)

Tentar aprender, porque quando você faz intercâmbio você não pode ir numa bolha né, você tem que ir fora da sua bolha, ir de cabeça aberta, mente aberta, saber escutar, saber ouvir, porque se você for com a cabeça muito fechada, não faz intercâmbio. (I1)

[...] cada família tem um jeito, tem a sua cultura dentro da própria família, então mudar de família é muito

diferente, é outro jeito que eles enxergam as coisas, lá eu tava em outro país então eu queria tá aberta pra receber, eu tava aberta sem qualquer preconceito, sem qualquer achismo. (I2)

Acho que a gente se abrir pra novas culturas também, porque como a gente tava aqui e eu nunca sai nem fui pra outros lugares do Brasil, e indo pra lá você conhece outras pessoas, conhece outro lugar, outro ar, vamos dizer assim, e isso é muito bom pro desenvolvimento pessoal também, que você é aberta a conhecer coisas também, outras pessoas. (E3)

A habilidade de ser flexível demonstra disposição em interagir em contextos sociais diversos, lidar com diferentes demandas e encontrar soluções alternativas para os problemas cotidianos (BAR-ON, 2006), além de proporcionar aprendizado em vários aspectos, enriquecendo a bagagem cultural dos envolvidos, como relatado pelo intercambista:

Para mim foi um choque cultural muito grande, mas ao mesmo tempo foi uma coisa incrível, eu aprendi sobre eles, eles também aprenderam sobre mim. (I1)

Importa mencionar que além do aspecto cultural, a adaptabilidade à mudança é pontuada pelo Fórum Econômico Mundial (2016) como uma qualidade e competência necessárias para as demandas do século XXI, principalmente devido à frequente transformação tecnológica e aos processos de informatização na atualidade (BERLINGERI, 2018). Tal fato é evidenciado por Abed (2016, p. 16), ao declarar que “A sociedade pós-moderna clama por originalidade, flexibilidade e criatividade para enfrentar as novas situações e os novos desafios que vão se apresentando, a todo o momento, em uma sociedade em veloz transformação”.

DIMENSÃO GERENCIAMENTO DE ESTRESSE

O controle da impulsividade diz respeito à estabilidade emocional e à capacidade humana de restringir os impulsos diante de fortes emoções e de conseguir refletir antes de agir (BAR-ON, 2006). Nesse sentido, Santos e Primi (2014) esclarecem que indivíduos com habilidade de autocontrole sabem enfrentar situações

desfavoráveis e não permitem que sentimentos negativos os desmotivem, conforme exposto pela intercambista (I3) ao descrever um episódio vivenciado em âmbito estrangeiro, no qual precisou gerenciar suas emoções perante uma situação de adversidade:

Antes tinham situações aqui, eu sempre fui muito desesperada, aí aconteciam umas coisas que eu não sabia como reagir, e lá aconteceu um episódio, de eu estar em Buenos Aires, no centro, e perder a minha carteira com todos os meus documentos, todo meu dinheiro, com tudo, e quando eu percebi eu travei e pensei, cara vou entrar em desespero agora? O que vai adiantar? E aí eu não entrei em desespero e fui reagir tudo que eu podia agir com calma, para ver se dava para solucionar, se não desse tudo bem, acontece! E foi isso, de ter essa autopercepção de calma, eu não posso me desesperar, tudo piora quando a gente se desespera. (I3)

Dentre todas as habilidades citadas pelos participantes da pesquisa, o autocontrole foi a mais incidente, pois, segundo os relatos, ao se distanciarem da família e de amigos próximos, os estudantes precisaram ter responsabilidade sobre os próprios atos e sentimentos, a fim de solucionar imprevistos e contornar as experiências desagradáveis.

[...] eu pensei: eu não posso desabar! é muita emoção assim que você sente nos primeiros dias, é um turbilhão, é felicidade, é um pouco de tristeza, um pouco de medo, e eu tentava não pensar no que poderia dar errado, porque se eu pensasse assim eu já ia querer desistir, então eu sempre tentava me manter confiante, porque era eu que tinha que me dar essa força né, porque minha mãe tava longe, ela não sabia o que eu tava passando [...] foi um processo muito bom, eu olho pra trás e penso: ainda bem que eu não surtei, eu mantive a calma! (I2)

A questão do autocontrole, criei muito autocontrole e sobre as situações também, consegui ficar melhor nisso, saber me impor, hoje em dia eu lido com os problemas muito mais calma e tranquila do que antigamente e o autocontrole é tudo agora. (I3)

Ainda nesse contexto, durante a mobilidade internacional, os estudantes permaneceram meses hospedados em casas de famílias voluntárias, ou em pousadas junto a outros intercambistas, logo, o choque diário de padrão de comportamento e a imposição de regras foram elementos cruciais para o gerenciamento emocional e para a manutenção da calma, a fim de lidarem com adversidades ideológicas, religiosas, financeiras e políticas, por exemplo. Tal percepção se materializa nos seguintes excertos:

A falta de liberdade me irritou mais no começo, mas mesmo assim eu sempre tive a calma e tentei entender eles, sabe! Porque isso é para o meu melhor né, se eles estavam fazendo isso era para me cuidar né, porque querendo ou não você receber um estudante na sua casa que é sua responsabilidade, é difícil, mas aí eu tentava entender, tentava me acalmar no meu quarto, não responder meus pais, não discutir com eles [...] isso me ajudou muito para ter mais paciência sabe, tentar compreender mais as pessoas. (I2)

Desenvolvi principalmente tolerância, acima de tudo, tive que ter muita tolerância sobre tudo, tanto sobre esse padrão de estética deles, quanto posicionamento político, coisas ideológicas, eu tive que ser muito tolerante, e até coisa cultural mesmo, e quando eu fui conhecer os intercambistas, até a questão econômica, porque eles tinham muito mais dinheiro do que eu, e é uma coisa normal para eles ter muito dinheiro, então foi esse impacto que eu tive com os outros intercambistas. (I3)

Por fim, importa mencionar que além do controle de impulsos perante as adversidades, os estudantes também demonstraram moderação ao administrar o orçamento que dispunham durante a mobilidade, pois souberam equilibrar as despesas, estabelecer prioridades e reduzir os impulsos de consumo, conforme as declarações dos estagiários:

Eu aprendi a administrar meu dinheiro conforme minhas necessidades, aprendi a colocar prioridades e também aprendi a obter a diversão, consegui me divertir com o que eu tinha [...] e explorar todas as possibilidades da melhor forma possível sem que

gastasse muito, eu consegui administrar muito bem o dinheiro, então isso me auxiliou muito. (E2)

[...] foi bem diferente, primeiro para lidar com o dinheiro de lá, todo dia quando eu falava: nossa hoje eu gastei muito! Ai eu falava: amanhã vou gastar menos, ou só vou almoçar, amanhã não vou comprar nada! Eu queria bastante comer um prato lá que eu vi, mas era 35 euros, aí pensei: melhor não! Vou economizar esse dinheiro e depois eu vou fazer outra coisa, mas a gente conseguiu economizar e foi pra Paris, muito bom! (E3)

De acordo com Swiatkiewicz (2019) o processo de socialização é indispensável na aquisição de autocontrole, pois é na exposição às diferenças sociais que os indivíduos aprendem a gerenciar seus impulsos humanos, e quando desenvolvida na juventude, essa habilidade pode auxiliar na saúde mental, na administração financeira e na redução da agressividade na vida adulta. Nesse sentido, o autor sugere que, quanto maior a capacidade de gerenciamento de estresse, menor será a probabilidade de desvios comportamentais no futuro, e melhor será o desempenho pessoal na solução de problemas.

Diante das interpretações e fundamentações teóricas, pode-se perceber que a mobilidade internacional proporcionou aos estudantes o desenvolvimento de diversas habilidades durante e após sua ocorrência, tais como: responsabilidade/cooperação social; empatia; independência; autoatualização em forma de autoconfiança e automotivação; senso de realidade; flexibilidade; e controle da impulsividade. Em complemento, infere-se que a experiência da mobilidade internacional cooperou para o processo de autopercepção, de mudança de visão de mundo e de desempenho interpessoal dos estudantes, e contribuir para a atuação deles no mundo do trabalho.

DISCUSSÃO

Observa-se a partir desta análise, que a experiência de mobilidade internacional pode contribuir com a formação humana ao proporcionar o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, mediante a imersão dos indivíduos em realidades multifacetadas e constituídas por relações multiculturais. Levando em conta esses

pressupostos e suas interconexões teóricas, bem como as percepções dos participantes desta pesquisa, nota-se que a experiência internacional promoveu reflexões aos estudantes em decorrência do contato destes com os diferentes meios sociais e culturais, a exemplo da transformação de visão de mundo e do aumento da consciência global. Outras reflexões derivam de conjunturas peculiares e dos obstáculos do processo que demandaram amadurecimento emocional e autoconsciência dos estudantes. No contexto apresentado, os discursos revelaram que, na dimensão interpessoal, os estudantes desenvolveram principalmente a habilidade de cooperação e de empatia, a exemplo da intercambista (I2) ao relatar ter adquirido sentimento de compaixão pelo próximo e respeito pelos valores de cada pessoa. Na dimensão intrapessoal, o destaque foi o amadurecimento e a autoatualização, conforme mencionado pelo estagiário (E2), que sentiu autoconfiança ao enfrentar sozinho desafios em outro país. Na dimensão adaptabilidade, nota-se o desenvolvimento de perspectiva global pelos estudantes, ao demonstrarem sensibilidade às diferenças sociais e respeito multicultural. E na dimensão gerenciamento de estresse, identifica-se o aprimoramento dos estudantes na habilidade de autocontrole sobre os impulsos emocionais perante as dificuldades, conforme relatado pela intercambista (I3) ao mencionar ter aprendido a conter o desespero nas adversidades e ser tolerante com as diferenças sociais.

Desse conjunto de constatações, considera-se contribuição da mobilidade internacional o desenvolvimento transversal relatado pelos estudantes, produto do enfrentamento de situações complexas em contexto internacional por meio das habilidades transversais, confirmando a suposição inicial. Esta percepção demonstra que o processo de aprendizagem se amplia em circunstâncias desafiadoras, conforme evidenciado por Abed (2014), que, ao analisar a atuação da escola no processo da formação integral e na construção do pensamento complexo nos indivíduos, argumenta que “[...] o conhecimento é visto como complexo, histórico, cultural, em constante processo construção / desconstrução / reconstrução” (ABED; 2014, p. 75).

Ao se mencionar metodologias de ensino no contexto de uma educação holística, refere-se a uma formação pautada na aprendizagem significativa, crítica e emancipadora que proporcione aos

jovens autonomia para lidarem com as exigências atuais em âmbito acadêmico, profissional e social (SANTOS; PRIMI, 2014). Com base nesse princípio, pode-se inferir e constatar que o Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, ao promover ações de mobilidade internacional estudantil, oportuniza ao educando, além de múltiplos conhecimentos linguísticos, históricos e socioculturais, também o desenvolvimento pessoal para a vida, cumprindo assim com parte de sua responsabilidade social. Tal concepção se materializa nos relatos dos estudantes sobre as contribuições da experiência internacional para o enfrentamento de suas demandas cotidianas, acadêmicas e profissionais, como disposto a seguir:

Esse processo foi muito importante para mim, como eu voltei mais dedicada, me ajudou também a me preparar pra faculdade que hoje em dia eu estudo integral, foi tudo um processo de aprendizagem, tanto a chegada, como ida, como lá no país. (I2)

Isso me ajudou muito hoje, eu sei lidar com as pessoas, com os problemas que vão aparecendo ali no meu trabalho com muito mais facilidade. (E2)

Em complemento, identifica-se nos dados analisados o desenvolvimento de diversas habilidades demandadas no mundo do trabalho, tais como: tolerância, flexibilidade, trabalho em equipe, autocontrole, autoconfiança e relacionamento interpessoal. Segundo Berlinger (2018), tais capacidades são relevantes devido ao atual cenário da vida produtiva, que busca profissionais qualificados para o trabalho coletivo, flexíveis para lidar com as transformações tecnológicas, que saibam conviver nos espaços sociais e solucionar conflitos diários, que disponham de conhecimentos técnicos e, sobretudo, sociais, conforme apontado por alguns dos entrevistados:

Eu acredito que hoje eu estou empregado porque eu fiz o intercâmbio, inclusive na prefeitura teve uma entrevista um tempo atrás, eu comentei sobre essa minha experiência, sobre o meu trabalho lá em Portugal, e eu lembro que eu mal saí eles já me ligaram de volta, e isso me auxiliou muito. (E2)

Numa entrevista de emprego, eu to trabalhando agora, e nesse emprego que estou, na última entrevista, que foi pra ele, eu acho que me escolheram porque eu tava muito autoconfiante, eu não tava insegura, eu sabia o que eu tava fazendo, sabia o que eu tava falando, então acho que isso passou pra eles uma segurança comigo e me contrataram, e minha chefe até comentou depois: “ah a gente viu que você tinha uma autoconfiança em si”. (13)

Portanto, é notável que a experiência internacional pode cooperar também para a futura atuação e desempenho dos estudantes em suas escolhas profissionais

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa partiu do pressuposto de que a prática de mobilidade internacional no contexto da Educação Profissional, Científica e Tecnológica poderia desenvolver importantes habilidades transversais nos estudantes do Ensino Médio Integrado e contribuir no processo de formação integral, em razão das singularidades dessa ação de viés multidimensional e interdisciplinar.

Nessa perspectiva, durante a análise dos resultados, pode-se confirmar a premissa inicial, porquanto a experiência possibilitou ao estudante um aprendizado transversal, a exemplo de amadurecimento emocional, ampliação da visão de mundo, respeito e flexibilidade intercultural, desenvolvimento de tolerância, autocohecimento, consciência de trabalho em grupo e autocontrole para lidar com situações desafiadoras.

Em acréscimo, o processo de mobilidade, segundo a percepção dos estudantes, proporcionou desenvolvimento no que concerne ao estímulo de habilidades transversais e no preparo desses jovens para os desafios da vida prática e social. Portanto, evidencia-se a conexão existente entre mobilidade internacional e o desenvolvimento socioemocional dos estudantes de ensino médio e, convida-se à reflexão sobre a importância do estímulo destas ações nos contextos de formação educacional de viés humanizador.

REFERÊNCIAS

ABED, A. L. Z. O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica. São Paulo: 2014. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=-15891-habilidades-socioemocionais-produto-1-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 25 abr. 2019.

ABED, A. L. Z. O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica. Revista Construção Psicopedagógica, São Paulo, v. 24, n. 25, p. 8-27, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542016000100002. Acesso em: 25 abr. 2019.

BAR-ON, R. The Bar-On model of emotional-social intelligence (ESI). Psicothema, v. 18, Suplem.1, p. 13-25, 2006. Disponível em: <https://reunido.uniovi.es/index.php/PST/article/view/8415/8279>. Acesso em: 10 mai. 2020.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

BERLINGERI, M. M. Competências socioemocionais e mercado de trabalho: um estudo para o caso brasileiro. 2018. 58 f. Dissertação (Mestrado em Economia) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/96/96131/tde-17092018-115134/publico/MatheusMBerlingeri_Corrigida.pdf. Acesso em: 10 jun. 2020.

BORGES, L. F. P. Educação, escola e humanização em Marx, Engels e Lukács. Revista Educação em Questão, Natal, v. 55, n. 45, p. 101-126, jul./set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoem-questao/article/view/12747>. Acesso em: 04 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Nacional. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF, 598 p. 2017

GONDIM, S. M. G.; MORAIS, F. A.; BRANTES, C. A. A. Competências Socioemocionais: Fator-chave no desenvolvimento de Competências para o trabalho. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, v. 14, n. 4, p. 394-406, out / dez. 2014.

HECKMAN, J. J.; RUBINSTEIN, Y. The Importance of Noncognitive Skills: Lessons from the GED Testing Program. *American Economic Review*, v. 91, n. 2, p. 145-149, may. 2001. Disponível em: <https://pubs.aeaweb.org/doi/pdf/10.1257/aer.91.2.145>. Acesso em: 5 abr. 2020.

KNIGHT, J. *Borderless, Offshore, Transnational and Cross-border Education: Definition and Data Dilemmas*. London: The Observatory on Borderless Higher Education. 2005

MEIER, M.; GARCIA, S. *Mediação da aprendizagem: contribuições de Feuerstein e de Vygotsky*. Curitiba: MSV, 2007.

RAMOS, M. N. Concepção do ensino médio integrado. In: *Seminário sobre o ensino médio promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Pará*, v. 8, mai. 2008. Disponível em: http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br.go/files/concepcao_do_ensino_medio_integrad_o5.pdf. Acesso em: 19 jul. 2020.

SANTOS, D.; PRIMI, R. *Desenvolvimento socioemocional e aprendizado escolar: Uma proposta de mensuração para apoiar políticas públicas*. Instituto Ayrton Senna, SP, 2014. Disponível em: <https://institutoayrtonsenna.org.br/content/dam/institutoayrtonsenna/documentos/desenvolvimento-socioemocional-e-aprendizado-escolar.pdf>. Acesso em: 29 out. 2019.

SILVA, W. *Evidências sobre habilidades cognitivas e competências socioemocionais dos alunos em idade escolar: formação, desenvolvimento e o papel da escola no Brasil*. 2017. 249 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Econômico) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2017. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/47450>. Acesso em: 20 nov. 2019.

SWIATKIEWICZ, O. Competências transversais, técnicas ou morais: um estudo exploratório sobre as competências dos trabalhadores que as organizações em Portugal mais valorizam. Revista Cadernos EBAPE. BR, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, artigo 7, p. 663–687, jul. / set. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v12n3/v12n3a08.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

VASCONCELOS, T. C.; ARAUJO, B. F. B. Compreendendo os resultados de aprendizagem em intercâmbios voluntários internacionais. Revista Gestão & Tecnologia, v. 17, n. 1, p. 154– 180, 2017. Disponível em: <http://revistagt.fpl.edu.br/get>. Acesso em: 18 out. 2019.

WORLD ECONOMIC FORUM. Global Challenge Insight Report. The Future of Jobs Employment, Skills and Workforce Strategy for the Fourth Industrial Revolution, 2016, Davos. Anais [...]. Davos, Swi. WEF, 2016, 144 p. Disponível em: https://www3.weforum.org/docs/WEF_Future_of_Jobs.pdf. Acesso em: 15 jun 2020